

Exs<sup>o</sup> Snrs...

Gostaria de ser dona das palavras para conseguir expressar-vos toda a emoção que sinto neste instante. Se o lançamento de um livro já constitui para o seu autor um momento de glória, fazê-lo num local como este é um privilégio raro. A todos quantos diligenciaram para que este evento aqui se pudesse realizar, o meu imenso obrigada.

Esta igreja faz parte da vida dos matosinhenses, católicos ou não católicos, porque mais do que um local de culto ela é o mais antigo monumento arquitectónico da nossa cidade. Levantada há mais de duzentos anos, terá exercido sobre as gerações que se sucederam até aos nossos dias o mesmo fascínio, terá apelado à mesma espiritualidade, terá incutido o mesmo respeito. Todos guardamos nos nossos corações vivências e momentos a ela ligados. Erguida para nela se guardar e venerar uma imagem lendária que o mar nos trouxe de terras distantes, ela viu chegar os vivos e partir os mortos; ouviu preces de esperança e de agradecimento; serviu de cenário a milhares de acontecimentos, uns mais felizes do que outros. Em resumo, este é um ESPAÇO nosso, que todos compartilhamos e que a todos pertence. Cabe a cada um de nós manter vivo o espírito dos irmãos da Confraria do Santo Crucifixo de Bouças, que a reergueram, empregando todos os nossos esforços na divulgação do culto que se alberga nestas paredes para que as gerações vindouras não percam a oportunidade de a continuar a usufruir. Por outras palavras, temos obrigação de a preservar porque ela é o mais importante marco da MEMÓRIA desta terra.

Conheço este santuário desde que sei que sou gente. Contudo só o entendi pela mão do meu pai que mo apresentou, mo revelou e ensinou a respeitar como uma parte importante da minha formação pessoal de católica e de cidadã. Aqui vivemos juntos muitas romarias e aqui também nos despedimos para sempre os dois. A herança de amor e devoção ao Bom Jesus de Matosinhos que ele me deixou serviu de alicerce ao livro que hoje aqui apresento e em que divulgo uma parte desconhecida da história daquele culto. Por isso lho dediquei.

Elaborado ao longo de 3 anos de pesquisa e reflexão, não foi em nenhum momento uma obra solitária. Sempre senti a meu lado uma presença indefinida que parecia indicar-me um percurso sem que eu o procurasse. A ocorrência de factos inesperados ou inexplicáveis que muito contribuíram para este livro chegar a bom porto e que sempre denominei por pequenos milagres atribuí-a a uma intervenção divina do nosso padroeiro e justifica a frase com que termino a Introdução:

"Este é o meu ex-voto para o Senhor de Matosinhos, a cuja sombra cresci, me fiz gente e aprendi a amar esta terra".

Quando em finais de Janeiro de 2000 o Dr. Joel Cleto me pediu para elaborar um artigo de 15 minutos sobre os brasileiros torna-viagem e as relações entre a Confraria do Bom Jesus de Matosinhos e o Brasil nos finais do séc. XIX destinado a umas Jornadas comemorativas dos 500 anos da descoberta do Brasil estávamos os dois longe de imaginar o que na realidade iria acontecer: que o pequeno texto se iria transformar num livro. Por isso se eu sou autora da obra ele é o padrinho. Obrigada Joel por isso e pelo interesse e apoio que sempre me revelou ao longo de toda esta minha viagem.

Parti para a pesquisa seguindo o tema sugerido. Tendo sido autorizada pela Mesa da Santa Casa da Misericórdia, através do seu provedor, Dr. Rodrigues de Sousa, a consultar os arquivos daquela instituição, rapidamente toda esse projecto ruiu quando

comprovei, através da documentação ali existente, que no seu conjunto o tema não traria grandes novidades. A imprensa da época divulgara por demais a acção daqueles cidadãos para que eu me sentisse à vontade a retomar o assunto. Numa conversa informal travada com o mordomo da Confraria, snr. Manuel Costa, abordámos a história da Igreja de Congonhas, no Brasil e surgiu a pergunta se o seu fundador teria sido um irmão da Confraria portuguesa que tivesse emigrado para aquela colónia. Por pura curiosidade fiz uma tentativa de o localizar nos Livros de entradas de irmãos do século XVIII. E, com grande assombro, se não encontrei o tal Feliciano Mendes, descobri que na época em que se levantara a igreja de Congonhas, meados do século XVIII, já havia no Brasil uma quantidade razoável de irmãos da Confraria, imigrantes uns, ali nascidos outros. Com a curiosidade despertada fui recuando no tempo através dos livros e cheguei a 1655, data que marca o primeiro registo conhecido de um irmão proveniente do Brasil. Isso sim era uma realidade completamente nova que se me deparava e que teria necessidade de ser posta ao conhecimento público. Nesse momento estabeleci finalmente o tema do meu trabalho - as relações da Confraria com o Brasil nos séculos XVII e XVIII. E então, assessorada incansavelmente pelo snr. Costa, meu condutor de excepção por entre as variadas fontes do Arquivo, e que muito me ajudou a chegar a algumas conclusões através das inúmeras questões que me ia pondo à medida que eu ia obtendo resultados, o trabalho foi avançando e ganhando forma, depressa se revelando demasiado extenso para o tal artigo que me tinham pedido. À Mesa da Misericórdia, na pessoa do seu Provedor, Dr. Rodrigues de Sousa, agradeço todas as facilidades que me foram concedidas. Ao Snr. Costa, meu primeiro acompanhante nestas buscas um obrigada muita especial pela enorme disponibilidade e paciência que sempre revelou.

E apesar das tais Jornadas dos 500 anos não se terem realizado eu já estava demasiado comprometida com o que descobrira para interromper o que começara. Por isso continuei as buscas seguindo outro projecto mas sem um destino para ele. Digamos que o fiz por curiosidade, por puro prazer de sentir que estava a fazer história. E a pouco e pouco os dados obtidos foram-se tornando mais interessantes. Os factos históricos são um pouco como as cerejas - uns arrastam os outros. Ao fazer essa viagem no tempo travei conhecimento com os primeiros irmãos da Confraria no Brasil ficando a conhecê-los pelo nome e, por vezes, por profissões e lugares de origem. Acompanhei a sua fixação na colónia, primeiro na litoral açucareira seiscentista e mais tarde, no interior das Minas do ouro e pedras preciosas. Certamente que o número de fiéis ao Senhor de Matosinhos ultrapassaria largamente o número dos confrades registados. Contudo só pude servir-me destes porque constituíam o único elemento passível de se contabilizar.

Mais importante e curioso ainda foi, após uma curta estadia em Lisboa, no Arquivo Histórico Ultramarino, ter-me visto envolvida numa aventura inesperada e assombrosa - a saga do ermitão da Confraria João Álvares de Carvalho, que atravessou o mar e penetrou no interior da colónia percorrendo, em sentido inverso os caminhos por onde o ouro era trazido para Portugal. Nessas viagens divulgou os prodígios do Bom Jesus de Matosinhos deixando atrás de si um rasto de devoção de que resultou uma substancial recolha de esmolas que possibilitaram que, em 1733, a Confraria do Crucifixo de Bouças colocasse a Sagrada Imagem neste fabuloso altar-mor e anos mais tarde, com autorização da Universidade de Coimbra, a quem então pertencia a Igreja, reerguesse segundo o desenho do italiano Nazoni, as mesmas paredes que hoje nos cercam.

Com esta história preenchi a primeira parte do trabalho. E teria ficado por aí não fosse ter tido conhecimento que para além da igreja de Congonhas existiam ou teriam existido mais 7 outros locais de culto ao Bom Jesus de Matosinhos no Brasil, praticamente todos

no percurso seguido pelo ermitão. Analisada a fonte que os citava e impossibilitada pela distância a que me encontrava de fazer o respectivo reconhecimento, tentei, através da minha então recém estreada ligação à Internet obter algumas informações. O êxito obtido nas primeiras incursões virtuais animou-me a continuar. E acabei metida numa rede que me ultrapassou completamente. À facilidade com que obtinha referência de mais igrejas opunha-se a dificuldade de estabelecer contactos locais que me fornecessem informações concretas e correctas. Servi-me de todas as pistas que me apareciam, por mais frágeis que me parecessem. Incomodei todos os amigos que sabia conhecerem historiadores, especialistas em arte ou professores universitários brasileiros. Estão neste caso os Snrs. Arquitecto António Meneres, Profs. Drs. Eugénio dos Santos, Ribeiro da Silva e Oliveira Ramos, que intercederam por mim junto dos Profs. Arquitecto Benedito Toledo, de S. Paulo e Dr. Caio Boschi, de Minas Gerais, que num acto de generosidade espantoso para com uma desconhecida me autorizaram a utilizar os seus nomes para contactos junto de departamentos governamentais que até então tinham ignorado os meus pedidos de informação. A todos os meus agradecimentos pelo apoio e sobretudo pela amizade demonstrada. Mas o meu universo foi constituído sobretudo por pessoas que não me conheciam de lado nenhum e que muito provavelmente nunca conhecerei e que tinham de comum comigo apenas o facto de serem naturais ou habitantes de locais em que poderia haver uma igreja ao nosso padroeiro. Entre toda essa gente saliento o grupo de S. João d'El Rei ligado ao Jornal "O Grande Matosinhos", que me elegeu cronista correspondente, e muito em especial ao José António Ávila Sacramento, presidente do Instituto Histórico Geográfico local, de que sou sócia correspondente, e que tem sido o meu maior interlocutor e apoiante do outro lado do Atlântico. O nosso encontro virtual, que se deve ao Dr. Joel Cleto, é uma das várias histórias curiosas ocorridas ao longo desta pesquisa e que por si só dariam um outro livro.

A ajuda de todos e a minha persistência levaram-me a conseguir uma lista de 25 locais de culto ao Bom Jesus de Matosinhos no Brasil. As informações que me chegaram permitiram-me elaborar uma espécie de roteiro de uma viagem no tempo e no espaço. As "minhas igrejas" como as denomino, estão aqui apresentadas segundo um registo cronológico da sua fundação e por isso essa leitura obriga-nos a um contínuo saltar de estado para estado. Começamos a viagem na Baía e aí também a acabámos, como que a fechar um círculo. Conheceremos pormenores de cada uma das localidades em que elas se situam e por vezes a história da sua fundação. A maior parte dos textos de que me servi aparece transcrita em itálico, sem alterações, respeitando a grafia brasileira. Uma parcela importante das ilustrações chegou-me de mãos de fotógrafos amadores. Isso explica a ingenuidade de certas citações e a menor qualidade de algumas imagens. Mas no seu conjunto, a segunda parte deste livro possibilita-nos obter um conhecimento bastante razoável dos lugares onde até este momento se sabe existem igrejas ao Bom Jesus.

Deixei bem claro na Introdução que este trabalho é apenas uma obra de divulgação e não uma tese. Por isso tive a preocupação de utilizar uma linguagem clara e fácil para que a sua leitura fosse acessível. Chamo a atenção para a importância que têm para a compreensão de todo o contexto as notas de rodapé, a Introdução da primeira parte e a Nota Prévia da segunda.

Eu nunca projectei escrever um livro. Mas comecei a sonhar com ele no momento em que o Snr. Vereador da Cultura se foi mostrando interessado primeiro nos avanços da

pesquisa que sabia eu estar a fazer ao longo do tempo em que ela decorreu e depois na sua possível publicação. Obrigada snr. Vereador pela confiança que em mim depositou. Julgo que não iludi as suas expectativas.

A realização desse sonho possibilitou-me viver alguns dos momentos mais gratificantes da minha vida. Já referi o que representa para mim estar a lançá-lo nesta igreja. Mas antes de aqui chegar vivi várias outras fases desse sonho. Uma das que mais me sensibilizou foi a da possibilidade que me foi dada de acompanhar a transformação das mais de 300 páginas A4, que eu redigira e ilustrara ao longos destes anos, numa publicação com as características da que tenho sobre a mesa. A responsabilidade desse trabalho foi entregue às técnicas do Atelier de Imagem, 4 belas mulheres cujo profissionalismo nunca foi obstáculo para me ouvirem e atenderem as minhas sugestões. Obrigada a toda essa simpática equipa e parabéns pelo resultado conseguido. Foi um parto bem sucedido e este meu "filho tardio" ficou muito bonito.

No momento em que entrego esta minha rota da fé à apreciação pública permitam-me que formule um voto especial:

A consciência que passamos a ter desde este momento da verdadeira extensão do culto ao Bom Jesus obriga-nos a um repensar das relações de Matosinhos com o Brasil que já não se poderão limitar à geminação com um único local - Congonhas. É tempo de alargar esta comunidade devocional a todos os locais onde existe uma imagem do nosso padroeiro - os que aqui são referidos e os que poderão ainda aparecer. Compete às autoridades civis e religiosas entenderem-se para a organizar. Publicamente declaro a minha disponibilidade para colaborar nesse projecto que constitui também um parte do meu sonho.

Para o realizar plenamente falta-me ainda fazer uma peregrinação pessoal por todas esses locais de culto. Não sei quando o poderei fazer, mas sinto que o farei. Nesse momento cumprirei quer a herança de fé ao Bom Jesus de Matosinhos que me foi legada por meu pai, quer o meu dever como cidadã desta nossa cidade.

E só então poderei fazer minha a frase de Álvaro de Magalhães, um dos meus escritores favoritos,

"Quando finalmente se faz o que se sonhou fazer, é como se sonhasse outra vez".

À Câmara Municipal de Matosinhos, à Ancima e à Novinco que tornaram possível esta edição e a todos quantos quiseram partilhar comigo este momento um grande abraço e muito obrigada.

*(Discurso proferido pela dra. Isabel Iago Barbosa, por ocasião do lançamento do seu livro, no interior da Igreja do Sr. de Matosinhos, cidade de Matosinhos, Portugal, na noite de 06 de junho de 2003)*